

Triste é comprar castanhas depois da tourada
entre o fumo e o domingo na tarde de novembro
e ter como futuro o asfalto e muita gente
e atrás a vida sem nenhuma infância
revendo tudo isto algum tempo depois
A tarde morre pelos dias fora
É muito triste andar por entre Deus ausente

Mas, ó poeta, administra a tristeza sabiamente

ÁCIDOS E ÓXIDOS

É uma coisa estranha este verão
E no entanto ia jurar que estive aqui
Não me dói nada, não. A tia como está?
Claro que vale a pena, por que não?
Sim, sou eu, devo sem dúvida ser eu
Podem contar comigo, eu tenho uma doutrina
Não é bonito o mar, as ondas, tudo isto?
Até já soube formas de o dizer de outra maneira
Há coisas importantes, umas mais que outras
Basta limpar os pés alheios à entrada
e só mandarmos nós neste templo de nada
E o orgulho é a nossa verdadeira casa
Nesta altura do ano quando o vento sopra
sobre os nossos dias, sabes quem gostava de ser?
Não, cargos ou honras não. Um simples gato ao sol,
talvez uma maneira ou um sentido para as coisas

Ó dias encobertos de verão no meu país perdido
mais certos do que o sol consumido nos charcos no
inverno,

estas ou outras formas de morrermos dia a dia
como quem cumpre escrupulosamente o seu horário de
trabalho

Não eras tu, nem isto, nem aqui. Mas está bem,
estou pelos ajustes porque sei que não há mais
Pode ser que me engane, pode ser que seja eu
e no entanto estou de pé, rebolo-me no sol,
sou filho desta terra e vou fazendo anos
pois não se pode estar sem fazer nada

Curriculum atestado testemunho opinião...
que importa, se o verão mesmo é uma certa estação?
Escolhe inscreve-te pertence, não concordas
que há cores mais bonitas do que outras?
Sou homem de palavra e hei-de cumprir tudo
hão-de encontrar coerência em cada gesto meu
Ser isto e não aquilo, amar perdidamente
alguém alguma coisa as cláusulas do pacto
Isto ou aquilo, ou ele ou eu, sem mais hesitações
Estar aqui no verão não é tomar uma atitude?
A mínima palavra não será como prestar
em certo tipo de papel qualquer declaração?
Há fórmulas, bem sei, e é preciso respeitá-las
como o gato que cumpre o seu devido sol
São horas, vamos lá, sorri, já as primeiras chuvas
levam ou lavam corpos caras
Sabemos que podemos bem contar contigo em tudo
Amanhã, neste lugar, sob este sol
e de aqui a um ano? Combinado
Não achas que a esplanada é uma pequena pátria
a que somos fiéis? Sentamo-nos aqui como quem nasce

Será verdade que não tens ninguém?
Onde é o teu refúgio, ó sítio de silêncio
e sofrimento indivisível? É necessário

Vais assim. Falam de ti e ficas nas palavras
 fixo, imóvel, dito para sempre, reduzido
 a um número. Curriculum cadastro vizinhança
 Acreditas no verão? Terás licença? Diz-me:
 seria isto, nada mais que isto?
 Tens um nome, bem sei. Se é ele que te reduz,
 aí é o inferno e não achas saída
 Precário, provisório é o teu nome
 Lobos de sono atrás de ti nesses dez anos
 que nunca conseguiste e muito menos hoje
 Espingardas e uivos e regressos, um regaço
 redondo – o único verdadeiro espaço, o
 sabor de não estar só, natal antigo,
 o sol de inverno sobre as águas, tudo novo,
 a inspecção minuciosa de paúis, de cômoros, marachas
 Viste noites e dias, estações, partidas
 E tão terrível tudo, porque tudo
 trazia no princípio o fim de tudo
 A morte é a promessa: estar todo num lugar,
 permanecer na transparência rápida do ser
 E perguntar será para ti responder

Simple question of time is and certain circumstances
 of place

circumscribes the body. You sit down, you get up
 and the sun hits you from time to time in front of
 the thought

– that when you dominate you leave that you dominate – wait
 You are and never are and the wind comes and blows
 and there is also the rain and from time to time you get wet,
 you accept daily services, you go from here to there,
 you die, you are forgotten, there are others, you die
 But when was it? Where did it hurt? You divided
 between the end of the summer and the income of the house
 That remains of your steps given and lost?

Horário de trabalho, uma família, o telefone, a carta,
 o riso que resulta de seres vítima de olhares
 Que resto dás? Ou porventura deixas algum rasto?
 E assim e assado sofro tanto tempo gasto

PORTUGAL SACRO-PROFANO LUGAR ONDE

Neste país sem olhos e sem boca
 hábito dos rios castanheiros costumados
 país palavra húmida e translúcida
 palavra tensa e densa com certa espessura
 (pátria de palavra apenas tem a superfície)
 os comboios são mansos têm dorsos alvos
 engolem povoados limpamente
 tiram gente de aqui põem-na ali
 retalham os campos congregam-se
 dividem-se nas várias direcções
 e os homens dão-lhes boas digestões:
 cordeiros de metal ou talvez grilos
 que mãe aperta ao peito os filhos ao ouvi-los?
 Neste país do espaço raso do silêncio e solidão
 solidão da vidraça solidão da chuva
 país natal dos barcos e do mar
 do preto como cor profissional
 dos templos onde a devoção se multiplica em luzes
 do natal que há no mar da póvoa de varzim
 país do sino objecto inútil
 única coisa a mais sobre estes dias
 Aqui é que eu coisa feita de dias única razão
 vou polindo o poema sensação de segurança
 com a saúde de um grito ao sol

combalido tiritito imito a dor
 de se poder estar só e haver casas
 cuidados mastigados coisas sérias
 o bafo sobre o aço como o vento na água
 País poema homem
 matéria para mais esquecimento
 do fundo deste dia solitário e triste
 após as sucessivas quebras de calor
 antes da morte pequenina celular e muito pessoal
 natural como descer da camioneta ao fim da rua
 neste país sem olhos e sem boca

UMA FORMA DE ME DESPEDIR

Há o mar há a mulher
 quer um quer o outro me chegam em acessíveis baías
 abertas talvez no adro amplo das tardes dos domingos
 Oiço chamar mas não de uma forma qualquer
 chamar mas de uma certa maneira
 talvez um apelo ou uma presença ou um sofrimento
 Ora eu que no fundo
 apesar das muitas palavras vindas nas muitas páginas
 dos dicionários
 bem vistas as coisas disponho somente de duas
 palavras
 desde a primeira manhã do mundo
 para nomear só duas coisas
 apenas preciso de as atribuir
 Não sei se gosto mais do mar
 se gosto mais da mulher
 Sei que gosto do mar sei que gosto da mulher
 e quando digo o mar a mulher

não digo mar ou mulher só por dizer
 Ao dizer o mar a mulher
 há penso eu um certo tom na minha voz sinto um certo
 travo na boca
 que mostram que mais que palavras usadas para falar
 dizer como eu digo a mulher o mar
 mar mulher assim ditos
 são uma maneira talvez de gostar
 e a consciência de que se gosta
 e um prazer em o dizer
 um gosto afinal em gostar
 Enfim o mar a mulher
 pode num dos casos ser a/mar a mulher
 mera forma talvez de uniformizar o artigo
 definido do singular
 Há ondas no mar
 o mar rebenta em ondas espraçadas nos compridos
 cabelos da mulher
 que ela faz ondular melhor de tarde em tarde
 no mês de setembro nas marés vivas
 O melhor da mulher talvez o olhar
 é para mim o mar da mulher
 e à mulher que um só dia encontro na vida
 de passagem um simples momento num sítio qualquer
 talvez a muitos quilómetros do mar
 mas mulher que não mais consigo esquecer
 mesmo imerso na dor ou submerso em cuidados
 a essa mulher qualquer
 eu chamo mulher do mar
 Nos fins de setembro quando eu partir
 de uma cidade seja ela qual for
 quando eu pressentir que alguém morre
 que alguma coisa fica para sempre nos dias
 e ou nuns olhos ou numa água
 num pouco de água ou em muita água

onda do mar lágrima ou brilho do olhar
 eu recear seriamente vir-me a submergir
 direi alto ou baixo conforme puder
 com a boca toda ou já a custar-me a engolir
 as palavras mar ou mulher
 com certo vagar e cada vez mais devagar
 mulher mar
 depois quase já só a pensar
 o mar a mulher
 Não sei mas será
 talvez mais que outra coisa qualquer
 uma forma de me despedir

MURIEL

Às vezes se te lembrava procurava-te
 retinha-te esgotava-te e se te não perdia
 era só por haver-te já perdido ao encontrar-te
 Nada no fundo tinha que dizer-te
 e para ver-te verdadeiramente
 e na tua visão me comprazer
 indispensável era evitar ter-te
 Era tudo tão simples quando te esperava
 tão disponível como então eu estava
 Mas hoje há os papéis há as voltas a dar
 há gente à minha volta há a gravata
 Misturei muitas coisas com a tua imagem
 Tu és a mesma mas nem imaginas
 como mudou aquele que te esperava
 Tu sabes como era se soubesses como é
 Numa vida tão curta mudei tanto
 que é com certo espanto que no espelho de manhã
 distraído diviso a cara que me resta

depois de tudo quanto o tempo me levou
 Eu tinha uma cidade tinha o nome de madrid
 havia as ruas as pessoas o anonimato
 os bares os cinemas os museus
 um dia vi-te e desde então madrid
 se porventura tem ainda para mim sentido
 é ser a solidão que te rodeia a ti
 Mas o preço que pago por te ter
 é ter-te apenas quanto poder ver-te
 e ao ver-te saber que vou deixar de ver-te
 Sou muito pobre tenho só por mim
 no meio destas ruas e do pão e dos jornais
 este sol de janeiro e alguns amigos mais
 Mesmo agora te vejo e mesmo ao ver-te não te vejo
 pois sei que dentro em pouco deixarei de ver-te
 Eu aprendi a ver na minha infância
 vim a saber mais tarde a importância desse verbo para
 os gregos
 e penso que se bach hoje nascesse
 em vez de ter composto aquele prelúdio e fuga em ré
 maior
 que esta mesma tarde num concerto ouvi
 teria concebido aqueles sweet hunters
 que esta noite vi no cinema rosales
 Vejo-te agora vi-te ontem e anteontem
 e penso que se nunca a bem dizer te vejo
 se fosse além de ver-te sem remédio te perdia
 Mas eu dizia que te via aqui e acolá
 e quando te não via dependia
 do momento marcado para ver-te
 Eu chegava primeiro e tinha de esperar-te
 e antes de chegares já lá estavas
 naquele preciso sítio combinado
 onde sempre chegavas sempre tarde
 ainda que antes mesmo de chegares lá estivesse